

24 de março de 2020

<http://justnews.pt/noticias/pandemia-de-covid19-o-agora-e-o-depois>



## **Pandemia de Covid-19: O agora e o depois**

**Lúcio Meneses de Almeida**

**Presidente Associação Portuguesa de Infecção Hospitalar Médico Assistente Graduado de Saúde Pública**

Escassas semanas depois da notificação, pela China, de um conjunto de casos de pneumonia por um novo agente infeccioso (SARS-CoV-2), a OMS declarou, no passado dia 11 de março, a segunda pandemia do século XXI.

A evolução do número de casos, em todo o Mundo, tem sido absolutamente vertiginosa. Mesmo para quem tem conhecimento e experiência na área. Presentemente, a quase totalidade dos países conta com casos confirmados, sendo que na maioria desses países a transmissão é local. Portugal encontra-se no limiar da transmissão comunitária generalizada.

As equipas de Saúde Pública tentam, por todos os meios, identificar e quebrar cadeias de transmissão ativas e, mais recentemente, surtos em ambiente fechado: trata-se duma missão heroica porque condenada, à partida, ao insucesso....

É, em tudo, semelhante a uma guerra, em que algumas tropas se sacrificam para que o restante exército se organize e não colapse... E a verdade é que falar em pandemia é falar em guerra. Guerra que tem como soldados não só os profissionais de saúde, mas toda a sociedade civil.

A letalidade da doença pelo SARS-CoV-2 (COVID-19) recorda um passado que julgávamos distante, porque impossível de repetir, face aos avanços tecnológicos e assistenciais: o da gripe pandémica de 1918, que se estima ter causado entre 50 a 100 milhões de mortos em todo o Mundo.

As imagens de Itália, país do “primeiro Mundo”, com doentes apinhados em instalações improvisadas, hospitais em rotura instalada e comboios militares a caminho de crematórios, fazem a Europa civilizada tremer de pavor, devido a uma doença, pela primeira vez em várias gerações.



Lúcio Meneses de Almeida

As notícias de lares, em Espanha, com idosos convivendo com cadáveres e votados ao abandono por quem tem a missão e a profissão de deles cuidar ou, ainda, a perseguição a asiáticos, reportada nalguns países da Europa, faz-nos retornar verdadeiramente aos tempos medievais.

Não sendo possível prever a evolução da pandemia de COVID-19, apenas temos a certeza de que o seu controlo só é possível com a disponibilização de uma nova vacina. Até lá, só dispomos de intervenções não farmacológicas, de saúde pública, que consistem no distanciamento social e na higiene das mãos e etiqueta respiratória. É a estratégia do “ganhar tempo”, permitindo a organização das redes hospitalar e de cuidados primários para um impacto brutal e inevitável.

Mitigação ou supressão? A primeira, traduzida no “aplanar” da curva epidémica, em jeito de “incêndio” controlado; a segunda, tendo como objetivo “apagar o fogo”, mas expondo as populações a um risco tanto maior quanto maior o tempo até à disponibilização de uma vacina pandémica.

A imunidade naturalmente adquirida pela infeção permite ir constituindo um corpo de “guarda costas” imunitários da restante população. Ou seja, concorre para a imunidade de grupo. Acresce que a mitigação, ao “espraiar” os casos que continuam a ocorrer, funciona como uma “almofada” para a rede de serviços de saúde: para o mesmo número de doentes, é completamente diferente tratá-los numa semana ou num mês....

Já a supressão, tem tanto de benefícios a curto e médio prazo, como de riscos a longo prazo. Expõe populações inteiras ao risco infeccioso, uma vez que mantendo a sua suscetibilidade. A China experienciou, com aparente sucesso, uma primeira onda, mas, seguramente, que irá sofrer mais ondas pandémicas até ser constituída uma proporção suficiente de recuperados da infeção.

Não estamos perante o fim do Mundo, mas estaremos, com toda a certeza, perante um novo Mundo. Mundo que passou a perceber a vulnerabilidade às doenças como já não ocorria desde 1918. A arrogância perante a natureza, induzida pelos desenvolvimentos científicos e tecnológicos da Medicina, colapsou perante esta nova realidade....

Mas é fundamental que não colapsem os princípios morais e de solidariedade que organizam a nossa sociedade. Numa pandemia, a solidariedade é do interesse de todos. Uma epidemia por um novo vírus não tem grupos de risco de infeção: somos todos suscetíveis, pelo que ao proteger a saúde dos outros (individual ou nacional) estamos a proteger a nossa.

A declaração do estado de emergência obriga, da parte de todos, ao cumprimento escrupuloso do distanciamento social. Permanecer em casa, com a exceção dos grupos profissionais considerados essenciais, é

um dever cívico e moral. Obriga, ainda, a combater boatos e rumores e a contribuir para a salvaguarda da saúde dos profissionais de saúde, ao não utilizar equipamentos de proteção individual, necessariamente escassos num contexto epidémico e de procura global.

Em suma, ser solidário é contribuir para o esforço de guerra. Guerra que ameaça pilares da nossa sociedade organizada. E um dos pilares fundamentais é a proteção dos mais vulneráveis, como é o caso dos idosos, das grávidas e das crianças.

Estou confiante de que prevalecerá a solidariedade nacional e internacional. Mas se, por alguma razão - que considero, apenas, em teoria -, isso não vier a acontecer, nada trará a pandemia, a não ser a sua própria história natural, e a Humanidade sairá, definitivamente, derrotada...